

REDES PERDIDAS

Corria o ano de 1987 na longínqua vila de pescadores de Jericoacoara, ao norte do Ceará. Era verão, mas como o tempo era de chuvas, os habitantes locais denominavam o verão de “inverno”. Então, podemos iniciar essa história, assim:

Era uma vez no inverno de 1987.

Eu estava sendo visitado em Jericoacoara por Suzy, uma antiga namorada alemã que conhecera em Baía Formosa, pequena cidade pesqueira do Rio Grande do Norte. Ela estava hospedado em minha casa juntamente com minha amiga Bella e minha filha Amanda.

-Suzy, vou ao Guriú amanhã porque acharam minhas redes perdidas na última pescaria... o Arildo estava com elas na canoa dele, não as localizou quando foi despescá-las, deu-as por perdidas, mas um pescador do Guriú disse que estavam à rola no mar, provavelmente teriam se soltado da poita, da boca de rede ou da própria canoa, e ele as recolheu. Você quer ir comigo?

Arildo era um legítimo exemplar de homem e pescador forte, pele cor de cobre, músculos bem torneados, peitoral proeminente, pernas musculosas, cabelos cacheados e em desalinho, criado na academia de ginástica da pesca, puxando redes, levantando e derrubando pesados mastros de canoas, manuseando para cima e para baixo poitas e âncoras em equilíbrio perfeito na proa das embarcações e que o movimento aleatório das ondas do mar não conseguiam derrubá-lo.

A família de Arildo, numerosa, os homens eram todos pescadores e todos tinham o mesmo biotipo, inclusive o seu irmão Tourinho, cujo apelido não havia sido nele colocado por acaso. Sua canoa “Nubia” foi assim nomeada em homenagem à sua irmã mais velha.

Tínhamos, eu e Arildo, uma parceria na pesca: minhas redes preparadas para a pesca por cima d’água (as chumbadas de fundo não levavam vantagem sobre as bóias do cordame superior) se encaixavam perfeitamente no tipo de pescaria que Arildo fazia. Eram diversas mangas de redes de nylon 80 e 100, de malha grande, apropriadas para pegar os bonitos, serras, dourados, cavalas, etc. e eram lançadas e amarradas à canoa, que flutuavam no movimento de “mar a baixo”, juntas, ao sabor dos ventos noturnos e do movimento das marés.

Dado o tempo de cada pescaria com essas redes boieiras (em torno de quatro horas) as redes eram recolhidas e os peixes sacados das redes e jogados no assoalho de madeira

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

entre as cavernas da canoa. Quando decidiam por fundear para dormir, poitavam a canoa e deixavam a rede rondar conforme as mudanças de marés.

Em uma dessas dormidas as redes ficaram mal amarradas à canoa ou à bandeira de sinalização e se soltaram, descendo ao sabor do movimento da maré e dos ventos. Como estavam soltas e não estavam embandeiradas, não podiam ser facilmente localizadas e se perderam depois de várias buscas aleatórias feitas pelo mestre Arildo.

Agora, localizadas por terceiros, cabia ao proprietário ir ter com o pescador que as recolheu para bonificá-lo pelo achado, providenciar os consertos necessários para que pudessem ser utilizadas novamente. O Guriú fica distante quase duas léguas de Jericoacoara, ou seja, aproximadamente 11 km, se percorridos pelo litoral. Já pelo mar pode-se traçar uma rota mais direta, retificando a curva da pequena baía formada nessa parte do litoral.

Arildo era pescador experiente, apesar de sua pouca idade (contava à época vinte e poucos anos) e fazia boas pescarias de peixes com redes de fundo e boieiras. A divisão do pescado obedecia a uma tradição bem justa e fundamentada. A produção deveria ser partilhada entre a canoa, as redes e os pescadores da seguinte forma: retirava-se um peixe para cada pescador para a bóia (refeição); afora essas unidades, a metade do pescado caído em cada rede pertencia aos seus donos; a outra metade era dividida, sendo uma parte para a canoa (para o seu dono) uma parte para os pescadores.

Assim, da metade comum, eu tinha uma parte, o Arildo outra e o terceiro pescador a uma outra. Como cada pescador tinha direito a escolher seu peixe, antes da partilha, para levar consigo e comer, se eu não estivesse pescando, não fazia jus logicamente à parte do pescador e ficava apenas com a metade do pescado caído em minhas redes.

.....

- "Eu gostaria muito de poder levá-la, é um passeio belíssimo, mas acho um pouco perigoso e vc está muito nova para, se cair no alto mar, ter que nadar até a costa...".

Minha filha Amanda, lourinha e alegre, tinha apenas cinco anos e estava de férias em Jericoacoara por todo o mês de fevereiro. Bella, uma amiga que morava em João Pessoa e estava passando um tempo em Jeri, hospedada em minha casa, cuidava de Amanda e do seu filho Ivo de mesma idade quando eu saía para pescar em canoas ou indo para Camocim, no "Dantesco" (barco de navegação fluvial que utilizei para pesca no mar).

Neguei à minha filha o que poderia ser um maravilhoso passeio de canoa, ida e volta ao Guriú, em que eu gostaria de levá-la, mas havia um risco que devia ser considerado... e evitado.

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

Vi uma carinha espremendo os lábios e uma lágrima escorreu lentamente pela maçã rosada daquele rostinho. Meu coração apertou e quis reconsiderar. Mas era "inverno" (tempo de tempestades instantâneas) e o tempo poderia mudar repentinamente sem aviso. Não havia "forecast" ou qualquer forma de previsão do tempo, de forma que, por precaução, mantive a posição paterna mais dura, em que pese o coração apertado.

- "Quando voltar, papai vai levar você à Duna do Por do Sol e vamos fazer "esquibunda", vamos descer a duna juntos e vamos gritando até chegar lá em baixo nos coqueiros... que tal?"

Amanda, relutante, concordou. Não sem antes deixar cair mais uma pequena lágrima que me cortou outra vez o coração.

.....

- "Ei! Soube que vc vai ao Guriú com Arildo... tem uma vaguinha na canoa para mim?"
Perguntou Cezane.

Minha modesta casa em Jeri recebia muita gente, nativos e "estrangeiros" de todas as nacionalidades, para um bom papo regado a mocororó (bebida alcoólica feita do caju) e até mesmo para alguns saraus com músicos presentes... lá chegava com frequência muitas "avis raras" que circulavam na vila, entre eles o artista, pintor Cezane, que dava formas e cores às paredes das bodegas da Vila e que tinha decorado totalmente a Padaria Santo Antônio com desenhos estilizados da Pedra Furada e da Árvore da Preguiça, entre outras suas criações surreais.

Cezane usava catar pedras roladas dos Serrotes para nelas criar formas e cores. Eu mesmo tinha por ele sido presenteado com uma pedra branca maciça recolhida dos pedregulhos que rolavam dos Serrotes, semelhante ao basalto, em que desenhara uma cara (assustadora) com olhos que me seguiam por todos os lugares. Adotara Jeri e morava na vila, mas era natural de Fortaleza. Sobrevivia na vila de pinturas nas bodegas e outras atividades menos nobres e proibidas, apesar de ser de boa família (seu irmão era advogado e me ajudaria no futuro a consolidar minhas posses nesse lugar).

- "Você não acha mais apropriado perguntar ao Arildo? Afinal, é ele o dono e mestre da canoa e não sei se ele pretende levar mais alguém conosco. Mas, vou interceder em seu favor e se tiver espaço para você, vais ficar me devendo uma outra pintura cujo tema você escolherá como fruto dessa pequena viagem".

Cezane concordou na hora, pois estava muito interessado em ir na canoa ao Guriú, onde existe um cemitério de mangue e boas peças dessa madeira de decoração, para quem tiver paciência de e bons olhos para localizar e as escolher nos montes de madeiras as pedaceiras retorcidas lá disponíveis.

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

VIAGEM DE CANOA AO GURIU

Suzy preparou e guardou a moderna câmera fotográfica que trouxera da Alemanha para levar com ela na canoa. Sugeriu que a protegesse com uma sacola plástica para evitar os respingos de água do mar. Assim ela fez e guardou-a novamente numa bolsa de pano de tear junto com seus óculos de sol e um batom protetor solar para os delicados lábios. Boa fotógrafa, acreditava que poderia fazer uma boa sequência de fotos para registrar nossa viagem. Bella preparou um lanchinho e Suzy guardou-o na sua bolsa espaçosa.

Cheguei só com Suzy à praia principal da vila onde os pescadores estacionavam as canoas, ali protegidas do avanço das águas do mar nas grandes marés de lua cheia ou nova. Era pouco mais das duas horas da tarde, o sol estava forte, quente e havia muito mormaço. O horizonte estava limpo até onde podíamos enxergar ao norte e a oeste, mas não podíamos avistar o leste por causa dos dois Serrote, de onde soprava o vento dominante. Fevereiro é mês em que chuvas torrenciais podem surgir de repente sobre os Serrotes e derramar-se por toda a Jeri. Não poderíamos desconsiderar essa possibilidade e tínhamos que estar preparados para um pé d'água.

A canoa “Nubia” estava lá, alinhada com as demais e com a proa apontada ao mar, pronta para partir. Nela conferimos o casco e o leme; o varão que fixa o leme, os olhais de ferro na roda de popa e a cana do leme; duas cuias feitas de metade de cabaça porongo para esgotar águas do mar (que sempre se infiltrava entre as tábuas das canoas), ou para as águas de chuvas intensas; a retranca; o mastro já com a vela branca embandeirada e o cordame da retranca, a escota; a vela de estai estava enrolada corretamente no cabo que liga a roda de proa ao terço médio do mastro; duas fateixas (âncoras feitas de pedra envolvida por peças de madeira de mangue amarradas em cruz) estavam fixadas na ponta de um cabo de amarração extenso e enrolado em círculos na proa.

Havia ainda dois remos de madeira esculpidos em peça única e trazidos de Parnaíba no “Dantesco” e uma garrafa de tiquira branca, pela metade, trazida de algum povoado às margens de um braço de rio do Delta do Parnaíba e partilhada com o amigo pescador. Diziam que beber tiquira e tomar banho era porre certo... mas não era preciso eu tomar banho para a tiquira “pegar”...

-“Tudo pronto! Vamos embarcar. Onde está Cezane que insistiu em ir com nós?” disse Arildo, trazendo consigo um saco de fibra natural que serviria para embarcar as redes se elas estivessem íntegras e em condições de trabalho.

As canoas utilizadas pelos pescadores de Jericoacoara eram do tipo de fundo chato, sem quilha, onde as cavernas por si e o tabuado de louro do costado estruturam a embarcação. O mastro da canoa tem sua posição de trabalho assentado por dentro do

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

banco de proa e encaixado na cava de uma peça rígida de madeira ligada a duas cavernas consecutivas no fundo da embarcação. A retranca é móvel, amparada por uma forquilha que trabalha em contato com o mastro e tem seu movimento controlado pela escota, comandada pelo mestre da embarcação.

“Nubia” era uma canoa de aproximadamente seis metros e meio e cujo costado (tabuado) era feito de louro, madeira leve e muito utilizada pelos estaleiros navais na construção de barcos e canoas de pesca. Suas cavernas de piquiá eram bem cortadas e posicionadas e estavam todas pintadas de um vermelho escuro tão forte que chegava próximo ao marrom. As labças, tipo de ripas que percorrem por dentro e amarram as pontas das cavernas, estavam íntegras, pintadas de vermelho sangue. Inspeccionada, Nubia estava em ordem. Tínhamos uma embarcação pronta para navegar.

A canoa foi, finalmente, arrastada em direção ao mar, pelas areias, por mim, Arildo e mais alguns pescadores que estavam costurando as avarias de suas redes na praia; levamo-la até onde as águas cobriam os nossos tornozelos e conseguimos fazê-la flutuar em águas rasas (“Nubia” era pesada para ser arrastada e não havia os “carros” que hoje existem na Vila - eixo com duas rodas - para facilitar o deslocamento das canoas de onde ficam protegidas para as águas do mar: o deslocamento das canoas era uma atividade coletiva).

A canoa estava agora flutuando no mar e Arildo a segurava evitando que se deslocasse sozinha e se afastasse demais da praia, empurrada pelas ondas. Deu ordem de embarque e ficou aguardando que eu e Suzy subíssemos. Suzy vestia uma blusa de mangas curtas e bermuda que deixava parte de suas belas coxas à mostra e levava sua bolsa com os apetrechos de viagem; e eu vestia uma camiseta regata e calção curto para poder me movimentar livremente. Orientei Suzy para sentar à borda da canoa e girar suas pernas para dentro, instalando-se em um dos dois bancos livres, pois Arildo usaria o terceiro banco, o da popa para conduzir a canoa.

-“Ei, vocês não vão me deixar... vou com vocês”- gritou Cezane”, que apareceu correndo esbaforido num cenário de última hora.

Arildo falou um palavrão reclamando da demora do retardatário e deu a ele ordem de embarque quando a canoa já estava mar adentro e as águas já cobriam suas pernas e molhava sua cintura. Atrapalhado com a mochila pequena e levando seus óculos em uma das mãos, o artista rapidamente se aproximou da canoa e nela embarcou atabalhoadamente a ponto de escorregar na borda e mergulhar literalmente na embarcação, sem maiores consequências.

A pequena baía do porto das canoas de Jeri dava segurança e tempo suficientes ao mestre da embarcação para comandar e participar, juntamente com os demais tripulantes (ou pescadores), do levantamento do mastro e seu acoplamento ao banco de

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

vela, deslizando-o até o encaixe no suporte inferior, operação que dura não mais do que um minuto. Esta ação, rápida, precisa ser certa para evitar risco de lesão aos demais tripulantes (ou pescadores) que ajudam no levantamento do pesado mastro..

Em seguida outro tripulante (ou pescador) sobe no banco de vela desenrola do mastro e abre totalmente a vela principal, acopla a forquilha terminal da retranca no mastro deixando ao mestre o encaixe na anilha de vela na outra ponta da retranca, em ação coordenada e sincronizada, tendo agora o mestre o domínio da escota e da angulosidade do pano em relação ao eixo longitudinal da embarcação, o que dá a ele total controle da direção da vela e, juntamente com a cana de leme calada ao leme, domina o sentido e direção da própria canoa.

Realizada a operação, aberta e esticada totalmente o velame, um tripulante (ou pescador) passa agora a operar a cuia, enchendo-a com a água do mar e molhando toda a extensão da vela, para que o vento não filtre o pano, maximizando a potência eólica. Assim feito, depois de encharcada a vela, a canoa já saiu da proteção da baía e agora já está submetida à força total do empopado vento leste, deslizando rapidamente sentido Guriú.

- "Desenrola e abra o estai, vamos aumentar nossa velocidade, o vento está muito bom, vamos chegar rapidamente ao Guriú"

...comandou o mestre Arildo já devidamente acomodado e sentado no banco de popa, segurando fortemente a cana de leme em uma das mãos e a escota em outra, dando direção e sentido à canoa.

Rapidamente levantei-me e dirigi-me à proa da embarcação executando a operação comandada. A vela de estai é triangular e pequena como um isósceles de lados grandes atados ao mastro e a à roda de proa dando à canoa, juntamente com o velame principal, um formato aerodinâmico.

A canoa deslizou suave, veloz e navegou paralelamente às terras do litoral passando ao largo das palhoças de canoas dos pescadores do Mangue Seco onde, de muito longe, não se via viva'Ima àquela altura do dia: apenas uma dúzia de canoas cuidadosamente arrumadas em paralelo e preparadas para as pescarias do dia seguinte podiam ser avistadas.

O sol ainda forte às três da tarde tinha o seu calor mitigado pelo forte vento leste. As dunas compunham o panorama horizontal de todo o lado terrestre (sul) enquanto que a "risca", ou linha do horizonte perdia-se no oceano sem fim (norte). Manuseando a cuia para molhar o velame revelou-se uma temperatura agradável das águas oceânica, mornas e limpas.

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

A barra do rio e entrada de mar nas terras do Guriú logo pode ser avistada. Suzy fotografava alguns cenários cuidadosamente escolhidos e Cezane permanecia calado num canto da canoa pitando um cigarro de palha que dividia com o mestre Arildo.

-“Estamos chegando à barra do Guriú, vamos precisar orçar a canoa, cambiar o pano para entrar no canal” avisou o mestre.

Preparei-me para executar parte da operação que faria mudar em noventa graus o sentido do eixo longitudinal da canoa, mudando também a posição da retranca, que passaria por cima de todas as cabeças e esticando o velame no lado oposto, o que ocorreu com a colaboração de Suzy e Cezane que, avisados, abaixaram-se evitando um desagradável “cascudo” ou mesmo uma grande porretada em suas cabeças.

A maré de enchente colaborou com a “Nubia” empurrando-a rio acima e levando-a ao porto de canoas do Guriú que, sem dúvida, teria o dobro ou mais que a quantidade de canoas existentes em Jeri, fundeadas ou estacionadas na praia meio lamacenta devido ao manguezal que a circundava.

Desmobilizamos a canoa tão logo chegamos ao porto, recolhendo e amarrando o pano do velame no mastro, ou seja, fazendo a operação inversa que mobilizou “Nubia” na saída de Jericoacoara. Em pouco tempo o mastro já havia descido e estava deitado ao lado da retranca. Deixamos os acessórios da canoa arrumados e vi quando mestre Arildo desenvolveu a garrafa de tiquira e levou-a à boca para um rápido trago, tendo em seguida arrolhado e guardado a uca sob o banco de popa.

-“Não quero me demorar aqui, vamos pegar vento forte na volta, temos que chegar em Jeri com o dia claro ainda. Vamos ver as redes e resolver logo”, falou o mestre.

"Vou ao cemitério de mangue, volto rapidamente com as peças que preciso”, retrucou Cezane.

“Se não estiver por aqui quando eu voltar à canoa, deixo você pra trás: não se atrase” respondeu o mestre.

Suzy fotografava alvos escolhidos, queria aproveitar ao máximo o filme de 36 poses da Fuji, Asa 100, apropriado para ambientes iluminados. Ela sabia que o filme deveria ser entregue para revelação e cópias em Camocim, na próxima viagem que fizéssemos e teria que esperar algum tempo antes de voltar lá para buscar as caras fotos impressas. Ela levava outra caixa de filme para sua câmera, mas me confidenciou que saberia selecionar bem os objetivos para que pudesse fazer outras fotos em Jeri.

Nossa permanência no Guriu não durou muito: durou apenas o tempo suficiente para encontrarmos o pescador que achara minhas redes de pesca, identificá-las como sendo

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

elas mesmas, negociar o valor de recompensa pelo achado e acordar uma manutenção das mesmas (costurar buracos, arrumar bóias e chumbadas, emendar fios de nylon rompidos, etc) com o mesmo pescador, que se encarregou de levá-las a Jericoacoara em sua canoa e entregá-las a Arildo depois de finalizado os trabalhos.

Tivemos tempo para aplacar a sede com água de cocos verdes, abundantes naquela vila. O Guriú era, a esse tempo, uma comunidade de pescadores vivendo em terras devolutas da União e não havia propriedades e proprietários. Todos tinham direito a demarcar e cercar uma área suficiente para construir sua casa, plantar seus coqueiros e viverem suas vidas. Algo muito parecido com o que se passava em Jericoacoara que, a esse tempo, não tinha limitações legais para se fazer o mesmo.

Quando voltamos à "Nubia", estacionada no porto, Cezane já estava embarcado, pitando seu cigarrinho de palha encostado no banco de popa como se fosse o mestre e com os óculos afastados para a ponta do nariz como um intelectual. Na proa da canoa ele havia colocado algumas madeiras de mangue colhidas no "cemitério" e que pretendia com elas fazer alguma arte, como um cabide torto ou uma composição original.

Como não levaríamos conosco as redes de pesca, "Nubia" voltaria a Jeri leve e solta como viera ao Guriú, tendo como dificultador, agora, o vento contrário, pois o mesmo vento soprava de leste para oeste e isso exigiria do mestre Arildo uma expertise comum a todos os pescadores em suas canoas à vela quando velejam contra o vento.

NAUFRÁGOS!

Embarcamos todos na "Nubia" e tomamos nossos lugares de origem. Fizemos os procedimentos de mobilização da canoa para colocá-la em movimento seguro, repetindo o Check List original do início da viagem. Voltamos pela calha do rio navegando com o vento de popa e empurrando suavemente "Nubia" para a barra do rio Guriú, que apresentava bancos de areia traiçoeiros encobertos pelo crescimento da maré. Esses bancos não nos assustavam pois estávamos na fase de lua nova e a certeza de que a maré grande encobriria esses obstáculos.

-“Não ate o estai, vamos orçar e cambar o pano” - comandou o mestre Arildo.

Fizemos como foi comandado, com boa sincronia e precisão e a proa da canoa apontou para os dois Serrotes de Jericoacoara que, de longe, pareciam duas pequenas sombras no horizonte. Era para lá nossa viagem de volta, mas não seria como uma linha reta como fora a primeira parte da viagem: teríamos que fazer uma rota em zigue-zague (orçando seguidas vezes), até atingirmos o nosso alvo.

Uma bruma espessa se fez notar no horizonte a leste depois de algum tempo de viagem, quando ainda estávamos à altura do Mangue Seco. Eram aproximadamente 17:00 hs e

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

ainda teríamos uma hora e meia a duas horas de navegação por conta do vento leste que não dava tréguas e das várias manobras exigidas para a correção de rumo.

Surpreendentemente houve uma diminuição na força do vento, o que tornou a viagem mais suave por alguns minutos. O que nos preocupava é que aquela bruma notada no horizonte foi tomando forma e cores de uma tempestade que se aproximava lentamente. Uma língua negra apareceu se insinuando à frente daquela massa cinzenta de nuvens que crescia aceleradamente em nossa direção.

-“Vai dar tempo...”

...saiu do mutismo o artista mostrando-se deveras preocupado com uma arte que não era a sua. Acendeu mais um cigarro de palha que quis pitar em parceria com o mestre. Este acocorava-se no fundo da canoa encostado no banco da roda de popa, sua posição preferida para conduzir a “Nubia” em movimento contrário aos ventos.

-“Pega a guimba! - ofereceu o artista ao mestre Arildo seu cigarro de palha para uma tragada.

-“Espera, vou liberar minha mão” - retrucou e, ato contínuo, amarrou a escota na labação para ficar com a mão direita livre para segurar o cigarro de palha para uma pitada de fumo.

Assim agindo, o mestre Arildo deixou a escota sem opção de manobra, pois é ela o cabo que, manejado pelo mestre da embarcação controla o nível de pressão feita pelo vento sobre o velame. É sabido que tempestades marinhas são precedidas de rajadas de vento antes que a chuva caia das nuvens. Talvez o mestre houvesse esquecido ou desconhecia essa premissa.

Como sabemos, existe a lei de Murphy, aplicável às situações inusitadas, regra também possivelmente desconhecida do mestre Arildo, que não avaliou a possibilidade e a probabilidade de ocorrer uma rajada de vento enquanto ele ocupava sua mão com uma ingênua guimba de cigarro enquanto que a escota se encontrava inoperável para controle da pressão eólica sobre a vela da canoa.

E ela ocorreu! A rajada de vento ocorreu nesse momento!

E ocorreu da primeira vez extremamente violenta, aumentando a pressão eólica sobre o velame que, com a escota travada, não permitiu o alívio dessa pressão, fazendo a canoa pendular com o mastro para sotavento, quase tocando este as águas do mar e permitindo a entrada de considerável quantidade de água no interior da canoa.

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

A tendência natural de retornar à situação de equilíbrio (pêndulo) fez com que o mastro agora voltasse com velocidade para barlavento, quase tocando o mar novamente e, novamente permitindo a entrada de maior quantidade de água salgada, aumentando o movimento pendular... desta vez a rajada levou o mastro a sotavento outra vez mergulhando-o no mar e emborcando a canoa, arremessando-nos todos ao oceano, com todos os nossos pertences e todos os acessórios da embarcação aparentemente perdidos definitivamente.

Quase que de imediato a chuva chegou de forma torrencial e o mar agitou-se mais. Estávamos, todos, perplexos, sem ação, tentando permanecer na superfície enquanto se intensificava a chuva torrencial. Um cabo solto roçou minha mão e segurei-o imediatamente: era a escota, que me deu uma idéia salvadora.

-“Não vamos nadar para longe da canoa! Não vamos tentar salvação individual! Vamos nos agarrar a esse cabo e esperar a tormenta passar!”- gritei com todos.

Estávamos todos à superfície e agarramo-nos todos à escota, cada um como pode. Felizmente (ou infelizmente), o nó dado pelo mestre à escota fixando-a à labança não se soltou e pudemos permanecer agarrados a ela enquanto a tormenta continuava o seu curso. Alguns de nós conseguiam subir ao costado da canoa emborcada por algum tempo antes de ser derrubado para dentro do mar por uma ou outra onda mais forte, decorrente dos fortes ventos e rajadas que duraram um tempo infinito para nós.

O que está ruim pode ficar pior e foi o que aconteceu quando percebemos que a escuridão das nuvens se transformava em noite que chegava: uma noite escura, sem a luz da lua que era nova e o prenúncio de escuridão total, num litoral que não era servido por eletricidade até então.

Quando a escuridão se tornou definitiva, notamos uma única luz que acendia, longe, a intervalo regulares a barlavento. Concluímos ser ela a luz do farol sinalizador da Marinha do Brasil, instalado no topo do Serrote Grande de Jericoacoara para orientação dos navegantes da região. Pela fraca intensidade luminosa percebemos que ainda estávamos bem distante de nosso destino desejado.

Mas essa referência, a única que teríamos até pisarmos em terra firme novamente, permitiu-nos saber a localização de terra e o possível sentido que deveríamos dar à canoa caso pudessemos empreender um deslocamento para a praia mais próxima.

Uma outra atenuante à nossa aflição pareceu-nos um presente da Natureza. Depois que a tormenta cessou e o mar se tornou mais calmo, notamos que, no breu da escuridão total, nosso movimento com braços e pernas para permanecermos na superfície produzia uma luminescência que acusava a localização de todos. O fenômeno é causado

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

por pequenos micro-organismos chamados dinoflagelados e o brilho nada mais é do que um mecanismo de defesa contra predadores.

Essa luminescência é comum nos mares de nosso litoral, em certas ocasiões e, felizmente, ela acontecia nesse justo momento! Parecia magia podermos avistar o outro não pela luz que refletia, mas pelo vazio material que era possível perceber com a luminescência que se produzia em volta de cada um ao se movimentar dentro d'água. Cessada a tempestade, o mar voltou ao seu normal, com pequenas ondulações que balançavam a canoa ao sabor do seu movimento.

Fizemos, então, uma breve avaliação de nossas perdas: Suzy perdeu sua bolsa e a maquina fotográfica que levava, além de outros pequenos objetos. Na verdade, ela salvara somente a roupa que estava no corpo, assim como eu e o artista, pois nossos objetos não foram mais encontrados. O mestre Arildo vestia somente um calção e com ele ficou.

Outro fato que nos era totalmente favorável, não notado de imediato, era a temperatura da água do mar, cálida e perfeitamente tolerável por longo período sem que o corpo perdesse muito calor. Os movimentos corporais necessários para permanecer na superfície do mar ajudavam no nosso aquecimento interno. Não houve, durante o período em que ficamos imersos no mar, algum de nós que tenha sentido frio ou reclamado de alguma indisposição por motivo da temperatura.

Precisávamos saber se sob a canoa ainda restava algum acessório de navegação, mas só poderíamos saber se desvirássemos a canoa ou mergulhássemos sob a mesma, o que era relativamente perigoso por causa do balanço do mar, que poderia arremeter uma parte fixa da embarcação contra a cabeça do mergulhador. Comentei sobre esse fato com o mestre:

-“Vou mergulhar! Precisamos desemborcar a canoa... colocar ela no rumo da praia... como está vamos ficar boiando e sem futuro”. - comentou Arildo.

-“Não sei se consigo. Primeiramente é preciso desamarrar o mastro e retirá-lo... a canoa não vai desvirar com ele pendulando para baixo”, comentei.

-“Ei... estão malucos? Eu não vou mergulhar, não tenho fôlego não... deixa tudo como está... vou subir no costado para descansar lá... vou dormir lá”, comentou o artista.

Ao que se seguiu a primeira grande descontração do grupo com uma gargalhada coletiva em reação ao modo e à certeza com que Cezane falou. Era óbvio que o que ele queria era impossível, não só pelo balanço do mar, que desestabilizava a canoa, como também pelo seu equilíbrio precário sobre um objeto em constante movimento aleatório.

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

Continuávamos flutuando e ligados umbilicalmente pela escota, na escuridão total, só mitigada pela bendita luminescência. Sem fazer nenhum comentário, notamos que o mestre poderia ter mergulhado, ou sumido, pois não havia mais luminescência onde ele estava momentos antes. Prendemos a respiração sem coragem para fazer qualquer comentário até que o mestre retornou do mergulho que havia prometido fazer.

Ele trouxe, recuperado, os dois remos, que amarramos num pedaço da escota para que não se perdessem. Em seguida, fez mais alguns mergulhos, retornando sem grandes novidades. Os objetos mais desejados não foram encontrados: as duas cuias de cabaça perderam-se definitivamente e sem elas, se conseguíssemos desvirar a canoa, não teríamos como tentar baldear e esgotar a água nela existente, se é que isto fosse possível.

Esses primeiros momentos foram de muita apreensão e surpreendi-me com a relativa calma de todos. Creio que a sugestão, dada por mim logo depois que a canoa virou, quando caímos no mar, surtiu um efeito tranquilizador porquanto seria muito mais fácil sobrevivermos em grupo, com eventual ajuda recíproca dos demais em favor de algum membro que estivesse fragilizado, do que uma aposta solitária na sobrevivência em um ambiente totalmente hostil.

Além de tudo que havíamos considerado, desconhecíamos nossa localização exata. Sabíamos que estávamos ao largo do Mangue Seco, que é relativamente perto de Jericoacoara (aproximadamente uma légua, ou seis quilômetros por terra), mas os fortes ventos aliados à ondulação natural do mar (direção leste-oeste, sentido oeste) em tempo de baixa mar (a maré já estava baixando quando a canoa virou) certamente havia-nos arrastado no sentido noroeste. Mas, quanto exatamente não sabíamos. Tudo que sabíamos era deduzido de nossa posição relativa aos Serrotes de Jericoacoara, onde do topo do mais alto monte recebíamos as luzes do farol e os lampejos de esperança.

Aliás, em nenhum momento fizemos referência expressa à possibilidade da existência de tubarões naquela área. Mas creio que todos possam ter levado tal possibilidade em consideração. Não havia relatos de acidentes humanos com esses ancestrais habitantes dos mares na região. Mas não poderíamos desconsiderar que o mar é como se fosse uma porteira aberta para movimentação de seus habitantes originais. Então, torcemos para que a pequena probabilidade de aparecer um deles não ocorresse.

E dando sequência aos mergulhos, depois de vários deles e de algumas horas de tentativa, o mestre Arildo conseguiu o que parecia ser impossível: desamarrou do banco de vela o mastro, conseguiu enrolar nele todo o pano da vela, puxou-os para fora da canoa e amarrou-os às labças da borda de sotavento com cabos que recuperara dos mergulhos. Pacientemente aguardamos e ajudamos nas tarefas do momento, no que era possível a cada um fazer tateando no escuro. Paradoxalmente, nossos olhos se

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

acostumaram tanto à escuridão que agora parecia mais claro para nós a posição de todos por ação daquela bendita luminescência: estávamos enxergando no escuro!!!

Em seguida estudamos a melhor forma de desvirar a canoa de forma eficaz, os passos que deveriam ser dados com segurança para otimizarmos os gastos de nossas energias, as precauções que deveríamos ter para evitar algum acidente com alguém com a canoa em seu movimento rotacional, o que seria fatal para as nossas pretensões de salvamento.

O plano do mestre era ousado, mas não havia outra alternativa. Posicionamo-nos, exceto o mestre, na borda de barlavento da canoa. O vento era brando e não haveria interferência dele na execução do plano. Com o mastro amarrado às labças da borda de sotavento a canoa já pendia levemente para aquele lado. A idéia era pendular a canoa em torno do eixo longitudinal para ganhar inércia e aplicar uma força conjunta que, ao final rotacionaria a canoa. A ideia era boa, tínhamos que testá-la.

O mestre se posicionou na borda de sotavento. Ao sinal dado por ele, tínhamos que balançar a canoa para cima e para baixo segurando-a à borda e até que estivéssemos mergulhado por baixo da canoa, para impulsionar fortemente e levantar aquela borda. O mestre fazia a parte mais arriscada, pois ele produziria pressão de cima para baixo na borda, de forma que, ao a canoa rotacionar em torno de seu eixo longitudinal, ele empurraria a borda e passaria por baixo da canoa e nós três poderíamos nos arremessar para dentro da canoa ao fim da operação, se bem sucedida.

A sincronização dos movimentos seria fundamental para o sucesso da operação. Preparamo-nos por alguns segundos, depois de encontrarmos nossas posições e o mestre deu o sinal! O balanço produzido por nós na embarcação fez afundar a borda de sotavento com o mastro nela amarrado com o mestre nela pendurado e que sumiu logo em seguida agarrado à canoa. Arremessamos a embarcação como planejado e vimos a borda de barlavento rodar para sotavento.

A operação foi bem sucedida na primeira tentativa! O mestre apareceu agarrado agora à borda de barlavento e pediu que eu ficasse com Suzy no interior alagado da canoa para testar sua flutuação. Para surpresa de todos a canoa não afundou, mas suas bordas ficavam próximas da superfície do mar, ainda que estivessem dentro dela duas pessoas.

Novos planos mirabolantes surgiram como um próximo passo para alcançamos terra firme: já tínhamos a canoa desvirada, mas ela continuava alagada. Não tínhamos as cuias de cabaça para esgotar a canoa e ela continuaria como estava. Tínhamos que trabalhar uma solução dentro da perspectiva dessa realidade. Desamarramos os dois remos para tentar produzir movimento na canoa no sentido de terra firme, que sabíamos onde ficava com a ajuda da luz do farol do Serrote Grande, visto que a escuridão total de lua nova continuava existindo.

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

Deixando a borda de barlavento para o lado de onde vinha a fraca luz do farol, apontávamos a proa da canoa para onde sabíamos estar a praia, que não conseguíamos vislumbrar por ausência total de luzes no litoral. Estávamos, literalmente, tateando no escuro, mas vendo no escuro. Sorte nossa que a canoa suportava, sem descer para o fundo, até dois de nós, enquanto que os outros dois tinham que ficar, necessariamente, agarrado à roda de popa, fazendo movimentação com os pés para ajudar os remadores a produzir movimento na canoa.

Assim ficamos cristalizados nesta posição, remando de dentro de uma canoa alagada ou nadando por fora dela, acreditando que tocaríamos nossos pés em terra firme e esgotaríamos a canoa para fazê-la novamente navegar. De tempos em tempos revezávamo-nos nas posições de produzir movimentos à embarcação: os então remadores iam para a roda de popa, no exterior, enquanto que os dois outros que estavam nessa posição pulavam para dentro da canoa para remar.

O tempo passava e nada de novo acontecia. Já estávamos em situação bem mais favorável do que a que tínhamos no início do naufrágio, mas a esperança de chegar à praia mais próxima foi desvanecendo com o cansaço crescente de todos da equipe. Não havia relógios. Não sabíamos as horas. Só havia noite. Noite profundamente escura. Nenhuma luz além das já conhecidas.

De súbito, pareceu ouvirmos o barulho longínquo do motor em funcionamento de uma embarcação. Checamos todo o horizonte possível. Não sabíamos ao certo de onde poderia estar vindo aquele som baixo, quase inaudível. Pedi a todos que se concentrassem para identificar a localização daquele motor.

-“Como pode uma embarcação estar em movimento sem ter a luz de navegação acendida e visível no topo?” -lembrou o mestre.

As embarcações em deslocamento noturno devem apresentar uma luz que identifique sua posição para evitar choques ou abalroamentos no mar com outras embarcações. Consideramos a observação do mestre Arildo para voltar a checar se realmente estávamos ouvindo algum barulho de engenho humano. Porque nem todos o ouvimos. Suzy, que tinha bons ouvidos disse que não tinha identificado nenhum som. Checamos novamente os horizontes e aguçamos nossos ouvidos.

Não sabemos se aqueles que ouviram tal barulho de motor de embarcação em funcionamento foram sugestionados por quem afirma tê-los ouvido primeiro . Teria havido de fato tal barulho? Ou a imaginação humana submetida à situações de estresse pode criar factoides para que sobreviva a esperança de salvamento? Não vimos ou ouvimos mais nenhuma manifestação de embarcação próxima e até hoje fica a dúvida se havia ou não uma embarcação em movimento próxima à nossa canoa.

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

Em outro momento, alta madrugada, notei que o mestre Arildo não conseguia mover o remo, passá-lo nas águas do mar, ainda que estivesse sentado em um dos bancos da canoa e lá estava ele me substituindo depois de trocarmos de posição. Percebi que ele estava como que dormindo sentado, olhos fechados, segurando o remo em suas mãos, sem operá-los.

A verdade é que o cansaço atingiu fortemente a todos nós e a preocupação passou a ser um possível desgarramento de um nadador situado na roda de popa. Se tal ocorresse, a tranquilidade que norteou a todo nessa noite poderia ter acabado. E acabado a esperança de salvamento para o desgarrado.

Para mim foi como um balde água fria... despertei de minha letargia, fruto do meu cansaço. Passei a monitorar cada um da equipe para ter a certeza de que não perderíamos ninguém. Nesses momentos, sinto que retiramos força e energia de nossas reservas, senão do éter, para continuarmos vivos. O instinto de sobrevivência é muito forte e precisamos saber que temos essa reserva de vida quando passarmos por situações que nos sugiram desistir.

Não desisti. Não desistimos. A cada vacilo provocado pelo cansaço sentido naquela noite imaginávamos e comentávamos sobre cenários futuros de felicidade. Falávamos uns aos outros sobre o descanso merecido quando chegássemos a uma rede em terra; que dormiríamos dias seguidos e de barriga cheia de um peixe especialmente feito para a ocasião; que faríamos uma celebração coletiva, com muita bebida, para contar uns aos outros sobre nossos sentimentos, sensações, medos e esperanças; que tentaríamos transformar nossa tenebrosa experiência em referência para quem passa por situações perigosas... enfim, projetávamos um final feliz para nossa viagem e renovávamos tal esperança.

Essa postura, somada àquela que adotamos no início, foi fundamental para que: controlássemos os nossos medos, para que eles não se transformassem em desespero; foi fundamental também para planejarmos corretamente as etapas que passamos para sairmos de uma situação mais adversa para outra mais favorável, com paciência, discussão racional e para que adotássemos a solução coletiva, onde cabeças pensam mais que cabeça e antes que ficássemos tentados a adotar uma solução individual que contaminasse todo o grupo, levando-nos a enfrentar consequências imprevisíveis e inimagináveis.

A madrugada não acabava. O sono vinha e o espantávamos para longe, sem sucesso. Em outro momento, fixando meus olhos no céu muito estrelado, eu o vi fragmentar-se lentamente como um grande mosaico de muitas peças brilhantes. Imaginei que as barras do dia já estavam aparecendo e que o sol em breve nasceria: ledo engano... mais uma miragem produzida pelo cansaço e, novamente, voltei a espantar o sono teimoso que me

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

revisitava. Essa tortura durou até o dia nascer. Estávamos totalmente exaustos quando a luz do dia mostrou nossa real posição no mar.

TATAJUBA

-“Lá está a praia!” gritou Cezane.

Todos já a haviam visto, mas precisava que um de nós registrasse oral e fortemente esse momento. Ver terra e saber de nossa posição em relação a ela deu-nos, imediatamente, novo vigor físico e mental para alcançá-la. Revigorados, voltamos aos remos e a nadar fortemente, agora conhecendo nosso objetivo, que o alcançaríamos, custasse o que custasse.

-“A canoa desceu demais... estamos abaixo do Guriu... o mar nos levou em direção ao Camocim, estamos mais perto da Tatajuba do que do Guriu”, comentou o mestre Arildo.

De fato, o vento leste dominante sempre empurra objetos que flutuam em sentido oeste no litoral norte do Ceará. Não foi diferente conosco. “Descer” no mar, para os pescadores, é semelhante à imagem que temos quando falamos que descemos rio abaixo. Para um observador de terra parece, realmente, que há um movimento das águas, uma corrente marinha de leste para oeste. É possível que haja. Mas não é necessário haver. O sopro do vento dominante determina o sentido de caminhada no mar de um objeto flutuante sem propulsão própria. Foi o nosso caso.

Levamos cerca de duas horas de forte movimentação na canoa para vencermos cerca de quinhentos metros da distância que nos encontrávamos de terra quando do raiar do dia, pois o avanço da canoa era mínimo e havia muito arrasto. Todo aquele esforço empreendido pelo grupo até então foi concluído com sucesso: tocamos os pés no fundo do mar raso e ficamos com a cintura de fora, quando percebemos que havíamos chegado. Puxamos imediatamente a canoa para a praia e a desvirmos, esgotando toda a água. Fizemo-la flutuar outra vez.

Não tínhamos tempo a perder, precisávamos chegar a algum lugar humanizado, beber água, comer, descansar... colocamos mãos à obra como se houvésemos acordado um pouco antes.

Desamarramos o mastro soltando-o das labças e providenciamos para levantá-lo e cravá-lo outra vez no banco de vela e na base entre as cavernas. Embora a retranca e o leme houvessem se perdido, tínhamos ainda o mastro, o velame, a escota e os dois remos. Poderíamos colocar a embarcação em movimento, mas não teríamos mais o seu controle total. Tentaríamos substituir o leme pelos dois remos. Faríamos um bolsão com

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

o velame aberto. Seguiríamos sentido Camocim e, com sorte, alcançaríamos, antes, a Tatajuba.

Não havia tempo a perder. Sem qualquer comunicação possível com quem quer que seja, precisávamos encontrar alguém no mar, porque em terra havia um imenso deserto, sem casas, sem alma viva, sem perspectiva de qualquer encontro. Àquele tempo, Jericoacoara era servida pelas ondas curtas de rádio e sintonizava bem uma emissora do Camocim.

Mãos à obra e em pouco tempo já estávamos embarcados, mastro fincado no banco de leme, o bolsão do velame recebendo um vento brando mas eficiente que fazia nos levar “mar abaixo”, sentido Camocim.

A canoa deslizava vagorosamente, pois sem a retranca não havia possibilidade de manobrá-la de forma eficiente. Tínhamos que aceitar a dádiva que a Natureza tinha naquele momento para nós e agradecemos por não estarmos dentro de uma calmaria. Logo avistamos uma canoa que se aproximava rapidamente em viagem para o oeste. Imediatamente o mestre Arildo levantou um dos remos, sinal de que nossa embarcação precisava de auxílio, para não deixar que o viajante seguisse sem se aproximar.

A canoa foi reconhecida pelo mestre Arildo como sendo originária do Guriu. Deixou-a aproximar-se para estabelecer comunicação com o outro mestre. Passamos para esse viajante do Guriu informações de nosso naufrágio e pedimos que ele fosse até a emissora de Camocim para enviar comunicação à família de Arildo do que ocorrera e tranquilizá-la quanto ao estado de saúde dele e dos demais. Em seguida a outra canoa se afastou e seguimos vagorosamente sem ainda um futuro destino.

Debatemos qual seria a melhor solução e todos concordaram que deveríamos aportar na Tatajuba. Mas havia um problema: há muitos bancos de areia próximos ao canal de navegação de acesso à vila de Tatajuba, que tem uma entrada de mar significativamente grande, levando água salgada do mar até às dunas interiores.

Sabíamos que, a essa hora, cerca de dez horas do dia, a maré deveria estar baixando, além de já estar muito baixa, o que poderia representar um perigo para todos nós e também para a canoa, com possibilidade, e alta probabilidade, de haver um encalhe, pelas dificuldades de manobrá-la e, talvez, uma virada radical da embarcação com novo alagamento. Ninguém gostaria de passar por um outro perrengue ou risco de perder a canoa.

Decidimos por recolher o pano, baixar o mastro, deixar a canoa à rola no mar e levantar os dois remos como um pedido socorro a quem por perto estivesse e que pudesse nos ajudar. Faríamos isso cerca de quinhentos metros antes do canal de acesso à Tatajuba, que o mestre Arildo conhecia bem a localização. A solidariedade no mar entre os

NAUFRAGIO NO MAR DE JERI

pescadores é irrepreensível. Talvez haja competição pelo melhor peixe, mas quando se trata de auxílio recíproco são todos muito generosos, emprestando solidariedade até mesmo a eventuais inimigos.

Confiamos que tal solidariedade seria prestada ao sermos avistados na vila e fizemos conforme planejamos. Embora esperássemos uma resposta positiva de terra, foi de uma canoa em viagem de volta de uma pescaria que recebemos ajuda. Essa canoa tinha o destino a Tatajuba e logo um reboque à cabo nos foi prestado. Em pouco tempo já adentrávamos, amarrados à outra canoa, o tortuoso canal de acesso à Vila, depois de vencermos a perigosa barra de entrada de mar, entre diversos bancos de areia, alguns proeminentes e que se deixavam à vista na maré de baixa mar.

Chegamos à Tatajuba!

O que se passou a seguir poderia ser objeto de outros relatos, mas ficamos por aqui uma vez que conseguimos nos livrar sãos e salvos dessa aventura que talvez não ocorresse da mesma forma nos dias de hoje, com tanta tecnologia disponível, inexistente naqueles tempos.

Para mim, em especial, sempre que relembro essa minha aventura no mar, agradeço-me pela correta decisão de ter deixado minha filha Amanda em terra, ficando temporariamente com nossos corações partidos, porque me foi possível, logo depois, levar Amanda ao alto da imensa e bela Duna do Por do Sol e com ela descer divertidamente nas pranchinhas de madeira e fazer deliciosos “esquibundas”, ainda que acidentes leves com areia e algumas travadas das pranchas na descida pudessem ocorrer: para a pequena Amanda, pequenas aventuras...

FIM

OBS:

Os nomes dos personagens foram levemente modificados, mas os que conhecem bem e viveram a velha Jericoacoara saberiam identificar todos eles.

Giba Santana , proprietário das Casas e Chalés ANKH em Jericoacoara, chegou pela primeira vez na longínqua vila de Pescadores em 1984 e está escrevendo sobre suas aventuras nos mares e dunas locais. Novas publicações em breve disponíveis no site

www.ankhjeri.com.br